

NOMES CIENTÍFICOS E POPULARES DE PLANTAS DO POLO SINOP: VERBALIZAÇÃO DE PRÁTICAS CULTURAIS

Marieta Prata de Lima Dias/UFMT- Sinop

A área de coleta dos nomes científicos e populares das árvores e arbustos nativos da região mato-grossense incluída na Amazônia Legal deste estudo terminológico situa-se, conforme Macrozoneamento Ecológico-Econômico da Amazônia Legal, na unidade territorial *Diversificação da fronteira agroflorestal e pecuária* e, conforme o Zoneamento Socioeconômico e Ecológico do Estado de Mato Grosso, na *Região de Planejamento XII – Polo Sinop*. Objetiva-se focar a prática cultural que embasa a nomeação desta flora em dois momentos de interpretação – do cidadão comum e do cidadão botânico. Das 76 fichas do corpus, foram selecionadas as árvores listadas pelo Sindicato dos Madeireiros como as mais comercializadas no pólo florestal de Sinop.

Para cada nome científico, há um comum (excepcionalmente dois, considerando-se o(s) mais usual/usuais) e inúmeros populares — o que nos remete ao conceito básico de cultura:

Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura. A terra é natureza, mas o plantio é cultura. O mar é natureza, mas a navegação é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que delas provém é cultura. Em resumo: tudo o que é produzido pelo ser humano é cultura. (Vannucchi, 2006:23)

Para Santos (2006), há duas concepções básicas: uma que caracteriza os aspectos de uma realidade social de uma sociedade e outra mais específica ao conhecimento, ideias e crenças, e à forma como existem na vida social. Lara (1999: 40) relaciona cultura a todo “comportamento idiossincrásico de qualquer grupo humano”.

Vannucchi (2006:14) diz ser a etnia brasileira conjunção dos elementos indígena, africano e europeu e produto de uma civilização agrária urbana e rural, diferenciada pela influência do meio, da diversidade econômica, da criatividade nativa e de outros contextos estrangeiros; e que a classe dominante brasileira “aspirava ser lusitana, depois inglesa e francesa, como agora só quer ser norte-americana”, tendo alcançado certa autonomia cultural nas últimas décadas. Nos respectivos séculos, Ouro Preto e Brasília constituem os sinais iniciais de maturidade cultural.

A cultura se cristaliza seja no campo do conhecimento teórico, seja no da sensibilidade e da comunicação e o homem tanto é usufruidor como agente cultural. Por meio do signo linguístico, toma-se posse da realidade do mundo – não somente das coisas do mundo e o modo de conhecimento teórico e experiencial que elas implicam, mas também da diversidade de reações psicológicas dos locutores, seja como indivíduos seja como membros de um grupo social (Guilbert, 1975). Passa-se a rever a denominação botânica no intuito de captar o ser e agir cultural norteador do ato de denominar do homem do campo (mais provável criador dos nomes comuns/populares da flora) e do taxonomista

botânico. A análise deste estudo intenciona apreender essa forma de “possuir o mundo” de indivíduos de diferentes grupos sociais da cultura brasileira.

O Código Internacional de Nomenclatura Botânica (ICBN)

A organização taxionômica botânica segue aprovação de Congressos Internacionais de Botânica e o Código Internacional de Nomenclatura Botânica (ICBN), que rege não somente a atribuição formal da nomenclatura como também a estrutura morfológica e apresentação gráfica, servindo para nomear nova taxa e determinar o nome correto para já nomeada.

Os nomes científicos das escalas reino, divisão ou filo, classe e ordem são latinizados e uninominais. A partir de família, em descendência, são binominais, o primeiro é o nome do *gênero*, escrito com letra inicial maiúscula, que pode ser abreviada por sua primeira letra mas deve ser pronunciado por inteiro; o segundo nome é o *epíteto específico* – em geral, iniciado por letra minúscula, excepcional e opcionalmente em maiúscula se for comemorativo (nomeado por pessoa ou lugar). Segundo Raven (2007), tais epítetos geralmente referem-se a características morfológicas, ecológicas ou químicas da planta, “sem conotações filosóficas particulares” (Judd et al., 2009: 548); outros prestam homenagem a algum contribuidor do conhecimento botânico. Podem ser “(1) um adjetivo qualificando o nome genérico, (2) um nome por aposição ou (3) um nome possessivo. Ao gênero segue a abreviatura da palavra espécie (*sp.*), quando indeterminada. Ex.: *Vatairea sp.* Essa taxionomia baseia-se em critérios variáveis conforme a época científica; assim, temos a de Cronquist, APG I, APG II e APG III. APG (*Angiosperm Phylogeny Group*), Grupo de Filogenia das Angiospérmicas, é um sistema de taxonomia vegetal baseado em evidência molecular, publicado em 1998.

Análise

Listadas pelos nomes comuns, as árvores são: amescla, angelim, cambará, caroba/parapará, cedrinho, cumaru/champanhe, cupiúba, farinha-seca, garapeira, itaúba, pente-de-macaco/pau-de-jangada, peroba-rosa e sucupira. Temos:

1. AMESCLA – *Trattinnickia burserifolia* Mart. - *Bursera* (L.) Jacq. Homenagem a John Burser.
2. ANGELIM-AMARGOSO – *Vatairea sp.* Angelim por ter madeira clara; caracterizada também pelo sabor. *Vatairea* é nome popular na Guiana.
3. ANGELIM-PEDRA – A angelim, acrescentou-se característica relativa à dureza da madeira. *Hymenolobium petraeum* Ducke – do grego *hymenós* = hímen, membrana e *lobium* = legume; lobos unidos. À descrição da forma, acrescenta-se a da dureza da madeira e homenagem a Adolpho Ducke (1876-1959).
4. ANGELIM-SAIA- *Parkia pendula* (Willd.) Benth. ex Walp. Dedicado a Mungo Park, viajante escocês; *pendula* porque sob sua copa permanecem pendentes as inflorescências ou os frutos.

5. CAMBARÁ - *Qualea paraensis* Ducke - CAMBARÁ vem do tupi, “estimado, madeira estimada”. *Qualea* é latinização do nome popular *qualé* da Guiana Francesa; *paraensis*, locativo, e *Ducke*, a Adolpho Ducke (1876-1959).
6. CAMBARÁ-CINZEIRO - *Vochysia tucanorum* Mart. - *Vochysia* é latinização de *vochy*, planta da Guiana, nome aplicado por Aublet (1775); *tucanorum*, por ser apreciada pelos tucanos.
7. CAROBA/ PARAPARÁ - *Jacaranda copaia* (Aubl.) D. Don. Caroba = mato amargo (caa-rob), do tupi *ka'a* – folha + *roua* = amargo, folha amarga; além disso, caroba significa bolacha, aparência do fruto. *Jacaranda* é nome nativo de árvores de algumas espécies desse gênero. *Copaia*, do nome vulgar “copaia”, da tribo Galibis, da Guiana Francesa; e também do tupi *ya 'akã 'ratã*, “aquele que tem miolo duro, ou árvore com cerne duro”.
8. CEDRINHO – *Erisma uncinatum* Warm. Cedrela, de *Cedrus*, porque a árvore rescende perfume à semelhança do legítimo cedro. Do grego *kedros* (cedro) procedente de *keein*, *kaiein* (queimar, perfumar, purificar), cujo lenho é usado para perfumar ambientes.
9. CUMARU/ CHAMPANHE - *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd. Champanhe, pela cor da madeira e da folha seca. *Dipteryx* deve-se ao fato de a flor apresentar duas asas; *odorata*, pelo cheiro forte de cumarina. Aubl. e Willd. são homenagens a Jean Baptiste Fusée Aublet (1720-1778) e Carl Ludwig von Willdenow (1765-1812), respectivamente.
10. CUIÚBA - *Goupia glabra* Aubl. *Góupia* é nome vulgar na Guiana; *glabra*, com folhas glabras; Aubl., homenagem a Jean Baptiste Christophore Fusée Aublet (1720-1778).
11. FARINHA-SECA - *Albizia niopoides* (Spruce ex Benth.) Burkart. *Albizia* é dedicado a Filiede Albizzi, nobre florentino do século 18, de cujo jardim se descreveu a primeira espécie; e as homenagens continuam aos estudiosos da espécie: Richard Spruce (1817-1893), George Bentham, (1800-1884) e Arturo Erhardo Burkart, (1906-1975) .
12. GARAPEIRA - *Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F. Macbr. “*Apuleia* é uma homenagem a L. Apuleus Madaurensis, filósofo e escritor do século II Dc; *leiocarpa* significa fruto liso, sem ornamentações” (Carvalho, 2003); o nome científico é seguido de homenagens, como a James Francis Macbride (1892-1976).
13. ITAÚBA - *Mezilaurus itauba* (Meisn.) Taub. ex Mez. *Mezilaurus* significa *Laurus* maior (*meizon*), para o qual há dois significados — *lauer* (do celta, “verde”) e *Laus*, “louvor”, pelo uso das folhas na coroa da vitória.
14. PENTE-DE-MACACO/ PAU-DE-JANGADA - *Apeiba tibourbou* Aubl. O nome refere-se à semelhança da forma e Aubl. à homenagem.
15. PEROBA-ROSA - *Aspidosperma cylindrocarpon* Müll. Arg. Peroba-rosa vem da coloração rosada nos primeiros tempos após o beneficiamento. *Aspidosperma* (*aspis*, “escudo”, e *sperma*, “semente”) descreve a morfologia da semente, rodeada por larga asa circular; *polyneuron*, muitas nervuras. Müll Arg. é homenagem a Johannes Müller Argoviensis (1828-1896).
16. SUCUPIRA *Sweetia fruticosa* var. *fruticosa* Spreng. Sucupira significa madeira lisa.

Esta breve análise deixa bem visível a forma de cada grupo de denominadores “possuir o mundo”: o botânico deve seguir um código e, ao aplicar o gênero e o epíteto (nome científico propriamente dito), latiniza certas características (forma, perfil, coloração, morfologia, papel social) da planta, embora haja a presença de muitas homenagens a pesquisadores renomados que se tornam ainda mais constantes no registro da denominação

taxonômica. Nos nomes comuns, o cidadão do campo não se baseia em homenagens, mas em descrever um caractere relevante da planta, como cor, sabor, dureza da madeira, cheiro, formato, produto e utilidade. Concordamos com Diki-Kidiri (2010) de que as palavras ensinam lições históricas, e que o processo de nomeação traz juntos dados linguísticos, históricos e culturais para expressar e comunicar conhecimento especializado. Haja vista quantos estudiosos são retomados na codificação botânica!

Para este olhar, é necessário lembrar que a língua é prática social, iniciada pela fala e, posteriormente, mas não necessariamente em todas as comunidades, registrada pela escrita. A escrita remete a três processos – letramento, alfabetização e escolarização; o letramento supõe “aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários” (Marcuschi, 1997: 122); a alfabetização visa à habilidade de ler e escrever, sem necessariamente ocorrer de forma institucionalizada; e a escolarização já almeja educação integral, bem mais ampla que o letramento e alfabetização. Sabemos que a comunidade de vivência do cientista e a de um homem do campo historicamente são diferentes quanto aos três processos da escrita, basta lembrar que a presença de escolas na zona rural brasileira de forma mais sistemática é de data recente e que, até 1940, a diferença de habitantes entre zona rural e urbana não era grande. Sem comparar com intenção de valorar superioridade alguma, constata-se que esta diferença de vivência entre ambos os denominadores retoma todas as outras vivências referentes ao mundo letrado e não letrado; por exemplo, a importância do registro.

Ambas as nomeações resultam de procedimentos de abstração diferenciados e constituem, pois, verbalização de práticas culturais diferentes.

BIBLIOGRAFIA

- BARROSO, Graziela Maciel e outros. *Sistemática de Angiospermas do Brasil*. Vol. 1. Viçosa:UFV / Impr.Univ., 2002.
- BARROSO, Graziela Maciel e outros. *Sistemática de Angiospermas do Brasil*. Vol. 2. Viçosa:UFV / Impr.Univ., 1984.
- BARROSO, Graziela Maciel e outros. *Sistemática de Angiospermas do Brasil*. Vol. 3. Viçosa:UFV / Impr.Univ., 2002.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Brasília/Colombo: Embrapa, 2003. Vol. 1.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Brasília/Colombo: Embrapa, 2006. Vol. 2.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Brasília/Colombo: Embrapa, 2008. Vol. 3.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Florestais Brasileiras*. Brasília: EMBRAPA, 1994. Disponível em <http://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/index_especies.htm>. Acesso ago. 2010.

COSTA, Maria Rute Vilhena. *O termo como veículo de especificidades conceituais e semânticas*. Disponível em <http://www.fl.ul.pt/unil/pol4/mesa_txt2.pdf>, acesso 9 jul. 2011.

DIKI-KIDIRI, Marcel. *Le vocabulaire scientifique dans les langues africaines. Pour une approche culturelle de la terminologie*. 2010. Disponível em <http://www.docstoc.com/docs/56034346/Marcel-Diki-Kidiri-%28ed%29-Le-vocabulaire-scientifique-dans-les-langues-africaines-Pour-une-approche-culturelle-de-la-terminologie%28Book-review%29>>, acesso 9 jul. 2011.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris : Larousse, 1975.

CHAIRMAN, J. MCNEILL et al. *International Code of Botanical Nomenclature*. (VIENNA CODE). Disponível em <<http://ibot.sav.sk/icbn/main.htm>>. Acesso 8 jul. 2011.

JUDD, Walter S.; CAMPBELL, Christopher S.; KELLOGG, Elizabeth A.; STEVENS, Peter F.; DONOGHUE, Michael J. *Sistemática Vegetal – Um Enfoque Filogenético*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LARA, Luís Fernando. Término Y cultura: hacia una teoría del término. In CABRÉ, M. Teresa. *Terminología y modelos culturales*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra / Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999, p. 39-60.

Marcuschi MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Revista Signótica*, 9: 119-145, jan./dez. 1997, disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7396/5262>>. Acesso 14 mar 2011.

RASTIER, François. *Ação e Sentido por uma Semiótica das Culturas*. Tradução de Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista. João Pessoa: Ideia/ UFPB, 2010.

RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray F.; EICHHORN, Susan E. *Biologia Vegetal*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.

SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA JR., Manoel Cláudio e PEREIRA, Benedito Silva. + *100 Árvores do cerrado de matas de galeria*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2009.

SILVA JÚNIOR, Manoel Cláudio da. *100 Árvores do Cerrado*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2005.

TEMMERMAN, Rita. *Towards New Way of Termiology Description*. The sociocognitive approach. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

VANNUCCHI, Aldo. *Cultura brasileira*. 4ª. ed. São Paulo: 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.